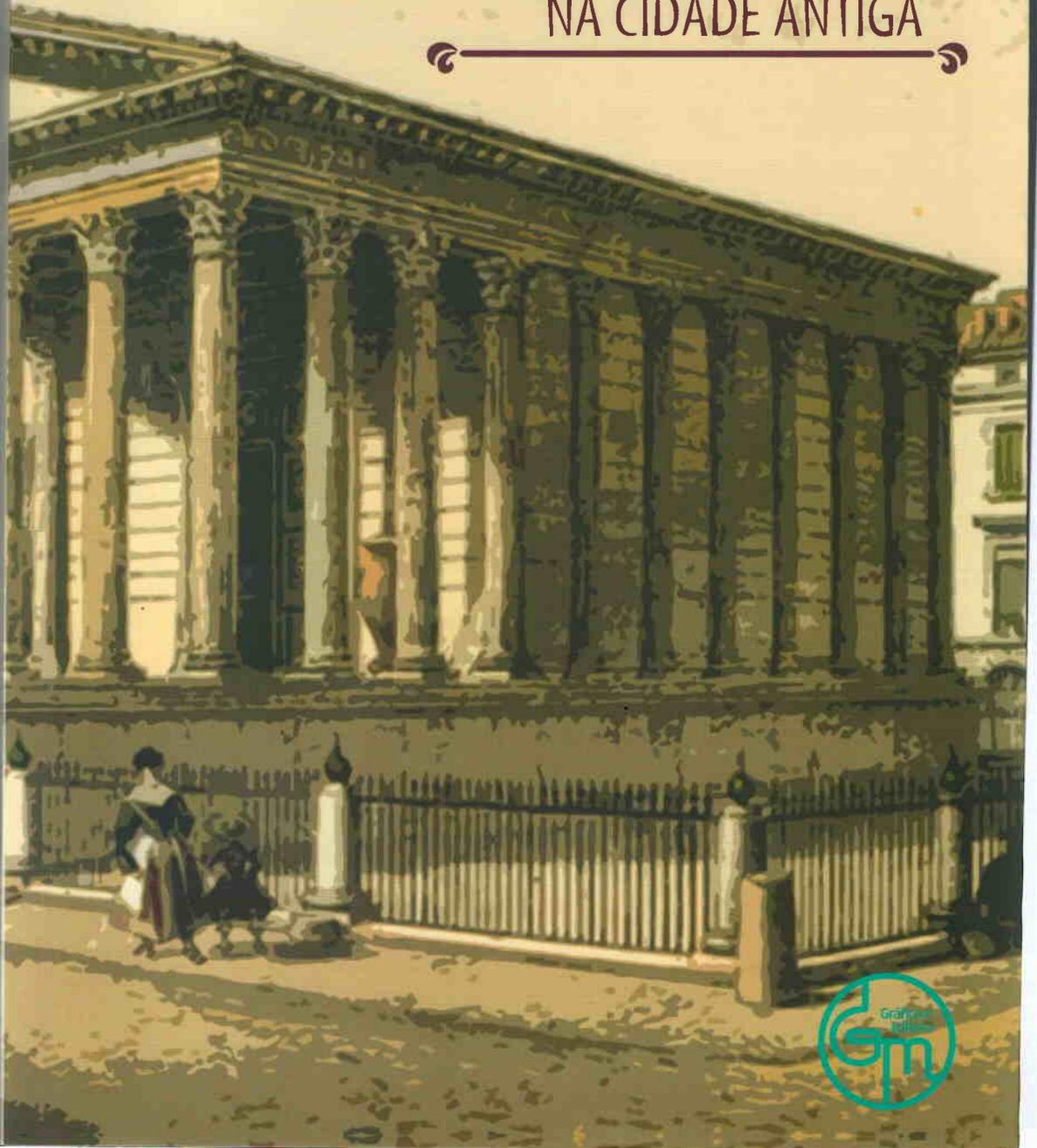


Gilvan Ventura da Silva
Érica Cristhyane Morais da Silva
Belchior Monteiro Lima Neto
Organizadores

ESPAÇOS DO SAGRADO
NA CIDADE ANTIGA



Sumário

Apresentação	7
Prefácio: Cultura material, espaços e sociabilidades: cartografias de sentimentos na Antiguidade	10
<i>Renata Senna Garraffoni</i>	
O papel das póleis na formação da <i>basileia</i> helenística: o caso de Atenas	15
<i>Alessandra André</i>	
O “espaço do fabuloso” na cerâmica coríntia: as representações de cães e de cavalos	30
<i>Alexandre Carneiro Cerqueira Lima</i>	
Espaço, materialidade e discurso na cidade antiga: a basílica de Sabrata como arena pública de absolvição de Apuleio de Madaura (século II d.C.)	44
<i>Belchior Monteiro Lima Neto</i>	
Cipriano de Cartago e os semi-cristãos: um bispo em alerta contra os perigos da cidade	65
<i>Carolline da Silva Soares</i>	
<i>Ille, ille, Iuppiter!</i> Presença, visão e ação de Júpiter nas <i>Catilinárias</i> , de Cícero	79
<i>Claudia Beltrão da Rosa</i>	
A hierotopia na Antiguidade Tardia: as estátuas imperiais em Antioquia de Orontes	99
<i>Érica Cristhyane Morais da Silva</i>	
Territórios do profano na cidade pós-clássica: o estranhamento de João Crisóstomo com a ágora, em Antioquia	135
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>	
A produção e uso, no contexto urbano, de amuletos e estátuas apotropaicas segundo os papiros mágicos (séc. III e IV d.C.)	156
<i>Hariadne Soares da Penha Bocayuva</i>	

O espaço do banquete na <i>uilla</i> romana tardo-antiga	172
<i>Jenny Barros Andrade</i>	
Religião, cotidiano e espaço cidadão: João Crisóstomo e as transformações da igreja de Constantinopla	185
<i>João Carlos Furlani</i>	
Propaganda, monumentalidade e poder litúrgico: reflexões sobre a arquitetura celebrativa da basílica de Santa Maria Maggiore (séc. V)	197
<i>Ludimila Caliman Campos</i>	
Entre pagãos e cristãos: a sacralização da paisagem bracarense na Antiguidade Tardia	226
<i>Luís Fontes</i>	
Espaços e representações do sagrado em <i>Bracara Augusta</i> : o contributo da Arqueologia e da Epigrafia	245
<i>Manuela Martins</i>	
Os espaços sagrados da deusa Hécate Ctônia na Atenas Clássica ..	266
<i>Maria Regina Candido</i>	
A substituição e exílio de bispos nicenos no Ocidente durante o governo do imperador ariano Constâncio II (337-361)	279
<i>Melissa Moreira Melo Vieira</i>	
Os espaços comunais paulinos na construção da identidade cristã e os <i>Atos de Paulo e Tecla</i>	297
<i>Roberta Alexandrina da Silva</i>	
Helena, Constantina e Gala Placídia: mausoléus e redefinição dos espaços sagrados na cidade antiga (séc. IV-V d.C.)	314
<i>Silvia Marcia Alves Siqueira</i>	
<i>Flavia Neapolis</i> , Palestina romana: o Monte Gerizim como espaço do sagrado	334
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>	
Sobre os autores	351

Flavia Neapolis, Palestina romana: o Monte Gerizim como espaço do sagrado

Vagner Carvalheiro Porto

Introdução

O Mundo Antigo presenciou uma diversidade muito grande de cidades que tiveram alguns de seus espaços consagrados em algum momento de sua história. Neapolis, com seu Monte Gerizim, é uma delas.

Neapolis foi um nome bastante popular para cidades. Havia uma Neapolis na Campânia, outra em Creta, e outra na Macedônia. Na Palestina romana, foi fundada com o nome de *Flavia Neapolis Samariae*; também era conhecida como Shechem (à qual a Bíblia faz menção). Atualmente, a cidade responde pelo nome de Nablus.

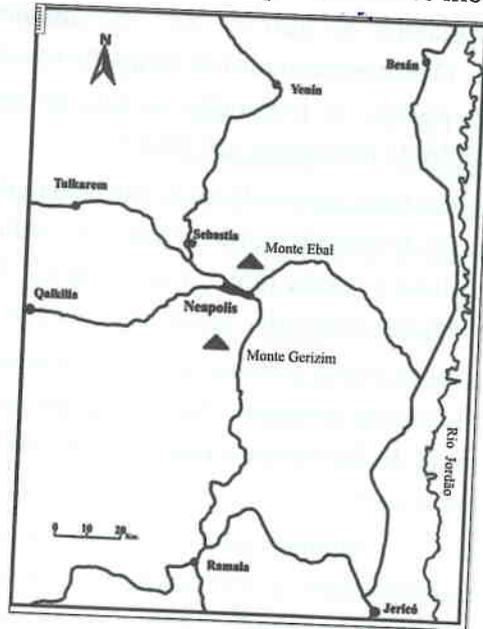
Esta cidade estava situada em um largo desfiladeiro entre duas montanhas: o chamado Monte Gerizim, com os seus 886 metros de altitude em seu cume mais elevado, na parte sul da cidade; e o Monte Ebal (940 metros de altitude), localizado na parte norte. Neapolis ficava no vale que separa esses montes, sob a forma de um polígono irregular, cujo comprimento pode ser estimado em cerca de 1600 metros de comprimento por 700 metros de largura.

Neapolis ficava a 12 km de Sebaste (a antiga Samaria), a noroeste, 69 km ao norte de Jerusalém, 114 km a noroeste de Amã e 42 km de distância do Mar Mediterrâneo. Seu território possuía um clima mediterrânico, caracterizado por verão quente e seco e um inverno frio e chuvoso.

Os romanos fundaram Neapolis numa localização favorável, no sopé da encosta norte do Monte Gerizim, em uma área cercada em todas as direções por planícies férteis, que permitia a agricultura intensiva.

aproveitando muitas fontes de água que estavam localizadas tanto dentro como fora dos limites da cidade.

Figura 1 - Mapa do território de Neapolis, entre os montes Ebal e Gerizim



Fonte: Abusood (2007, p. 122).

De acordo com Yitzhak Magen, a localização da cidade deveu-se principalmente a motivos estratégicos de controle dos samaritanos (MAGEN, 1993e, p. 1355 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 122). Subsidiariamente, as condições favoráveis da região – considerando o ponto de vista das comunicações, até mesmo os motivos agropecuários – explicam tanto a escolha do lugar quanto a longa sobrevivência subsequente da cidade.

Como dissemos, um dos valores indiscutíveis da cidade de Flavia Neapolis estava em sua situação geográfica, já que se levanta em um ponto de comunicação estratégico na via tradicional que, na parte central da Cisjordânia, articulava o território com um eixo Norte-Sul em que Jerusalém e a mesma Neapolis, junto com outros enclaves, constituíam pontos fortes e nós de comunicação transversais, até o mar e o Jordão.

Loay Abusood (2007, p. 126) nos informa que – considerando a partir da fundação romana – a cidade se desenvolveu em cinco fases sucessivas:

- 1) A primeira é constituída pela fundação jurídica da cidade por parte de Vespasiano, no ano 72 d.C., documentada nas fontes numismáticas. O estabelecimento de Neapolis constituía uma parte importante da política de integração na área de território romano após a destruição de Jerusalém, em 70 d.C.
- 2) A segunda fase seria o período que – talvez o mais importante do ponto de vista do desenvolvimento urbano da cidade – coincide com a visita de Adriano à região (entre 119 e 130 d.C.), momento este de grande atividade construtiva em diversas cidades do entorno.
- 3) A terceira foi marcada pela guerra civil entre Septímio Severo e Pescênio Níger. Por ter abraçado a causa do grupo perdedor, Neapolis sofreu uma série de destruições, cujo alcance final e características precisas desconhecemos.
- 4) A quarta é o momento pós-severiano, quando se tem uma reconstrução generalizada de edifícios tanto privados como públicos.
- 5) A quinta fase começa quando, à época de Filipe, o Árabe (244-249 d.C.), se outorgou à cidade o estatuto jurídico de colônia, com o nome de *Colonia Julia Sergia Neapolis*.

A fundação de Neapolis é uma parte muito importante da política de Vespasiano e Tito para o controle da região. A urbanização romana na área central da Palestina começou no período de Herodes, o Grande, e seus sucessores, na Galileia e Samaria, mas nunca se deu, nesse sentido, na Judéia. Esta política de urbanização era muito limitada e respondeu a motivos mais propagandísticos do que a uma real articulação dos territórios. No entanto, a partir de Vespasiano, as fundações herodianas tornavam-se cada vez mais importantes, como foi o caso de Séforis, Tiberíades e Sebaste. Neste período, a criação de novas cidades é muito significativa; a fundação de Neapolis se insere neste contexto. Esse processo se disseminou de norte

a sul e um
Jerusalém, i
1990, p. 118

Histórico c

O pr
provavelme
inicial não s

A pr
de fundaçã
que muitas
sobre event
econômico.
em 72 d.C.,
Domiciano,
e outra, um
89 anos de
(HILL, 191
cronológica
ter sido con
primeiras re
sua fundaçã
até às cida
Marítima, i

Durar
construções
circo, anfite
muito segu

¹ É possível q
legiões a parti
com a *legio VI*
1985, p. 52).

a sul e um passo decisivo foi a fundação de Aelia Capitolina, no lugar de Jerusalém, introduzida estrategicamente no coração da Palestina (AYASO, 1990, p. 118 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 122).

Histórico da cidade

O primeiro núcleo urbano no local onde viria a ser Neapolis provavelmente remonta ao período helenístico. Todavia, este assentamento inicial não se desenvolveu como uma verdadeira cidade a essa época.

A prática que os antigos tinham de colocar nas moedas a data de fundação da cidade auxilia sobremaneira em sua periodização, dado que muitas vezes a documentação escrita não se detém em discorrer sobre eventos de cidades menos expoentes do ponto de vista político ou econômico. Assim, a evidência cronológica da fundação de Flavia Neapolis, em 72 d.C., é baseada nas emissões monetárias: a primeira do período de Domiciano, que assinala a datação de 11 e 15 anos após a sua fundação, e outra, uma cunhagem de 161 d.C., de Marco Aurélio, comemorando os 89 anos de fundação da cidade, com o nome de *Flavia Neapolis Samariae* (HILL, 1914, XXV; XXVI). Flavio Josefo, neste caso, dá uma indicação cronológica aproximada à das moedas ao afirmar que a cidade poderia ter sido construída em um período posterior a alguns eventos durante as primeiras revoltas judaicas (*Antiquitates Judaicae*, XVIII, 83-86; 61). Após sua fundação, Neapolis teve um território muito grande, que se estendeu até às cidades de Sebaste, Citópolis, Dióspolis, Antipatris e Cesareia Marítima, incluindo os samaritanos, na aldeia vizinha de Acraba.

Durante os séculos II e III d.C., foram levadas a cabo algumas construções de edifícios e ocupação de zonas periféricas como: teatro, circo, anfiteatro,¹ necrópoles, etc.. Sobre a rede viária não se tem dados muito seguros acerca da cronologia de seu desenvolvimento e de suas

¹ É possível que haja uma correlação entre a construção do anfiteatro e a presença das legiões a partir da época de Vespasiano, com a *legio X Fretensis*, no período de Adriano, com a *legio VI Ferrata*, e a *legio III Cirenaica* em meados do século III d.C. (MESHORER, 1985, p. 52).

necessárias modificações ao longo do tempo. Infelizmente, também não existem vestígios suficientes para que se possa reconstruir completamente e com precisão a rede viária de Neapolis. O que se pode identificar são algumas ruas: quatro que constam no chamado Mapa de Madaba e uma rua que fora identificada pela arqueologia.²

Somam-se a esses elementos helenísticos e romanos de Neapolis (da época de Adriano, continuamente até o final do século III d.C.) tipos iconográficos não-judaicos em suas moedas, como Zeus, Rômulo e Remo, Poseidon, Hígieia e Asclépio. A representação dessas divindades greco-romanas abunda não somente nas moedas de Neapolis, mas também em muitos outros suportes materiais encontrados nessa cidade (PORTO, 2007, p. 165).

Em meados do século II d.C. se erigiu o templo dedicado a Zeus, e se comemorou tal feito com a emissão de uma moeda que continha uma representação do edifício. Uma inscrição na base de uma coluna de mármore, encontrada na encosta norte do Monte Gerizim, faz menção à construção do templo de Zeus. Faz referência também a um membro do conselho, ateniense, que era um cidadão romano (MERKELBACH; STAUBER, 2002, p. 334 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 123). Tanto a referência à construção do templo de Zeus quanto à presença de um membro do conselho de Neapolis proveniente de Atenas com cidadania romana demonstram, entre outras coisas, o caráter multicultural e cosmopolita da cidade.

Durante a época de Adriano, Neapolis foi ampliada, adquirindo novos bairros; Ze'ev Safrai estimula para a Neapolis deste período uma população de umas 3000 famílias (SAFRAI, 1994, p. 373 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 131).

Durante o período bizantino, Neapolis fez parte da província *Palestina Prima*, tornando-se uma cidade arcebispal e sede do governo de uma diocese. Os dados sobre a cidade no século IV, que consegui obter, são, infelizmente,

² O mapa de Madaba (também conhecido como o mosaico de Madaba) é uma parte do mosaico que cobre o chão da igreja bizantina de São Jorge em Madaba (Jordânia). O mapa de Madaba é a representação mais antiga em mapa de Jerusalém e da Terra Santa preservado. Data do século VI d.C.

muito esca
século IV, a
Res Gestae,
meados do
Valde nobilis
farinha, aze

Diver
desde o pe
estavam in
Neapolis, c
informa qu
Itinerarium E
MCCCCC gr
de Gaza (4
fato de que,
em cinco (E

No s
Palestina, t
fevereiro de
descobriu u
Ras, com a
serviriam m
(MAGEN, 1

O templo

O ten
para o Nort
do Monte C
e Magen, n
e tinha um
em duas p
(21,48 met

muito escassos. Loay Abusood nos recorda que Amiano Marcelino, no século IV, assinala Neapolis como uma grande cidade (Amiano Marcelino, *Res Gestae*, XIV, 8, 12 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 123). Por conseguinte, até meados do século IV d.C., Neapolis foi considerada como “*civitas gloriosa et Valde nobilis*”, centro comercial de produtos de primeira necessidade como farinha, azeite e têxteis (DAUPHIN, 1979, p. 32).

Diversos autores antigos descreveram Neapolis e suas antigas ruínas desde o período clássico até o período medieval. As primeiras descrições estavam interessadas em localizar sítios e monumentos relacionados a Neapolis, como é o caso do anônimo Burdeos (333 d.C.). Este autor nos informa que a escadaria do templo de Zeus tinha 300 degraus (fl. 3 d. *Itinerarium Burdigalense* 587, 3). Mais tarde, Epifânio (315-403 d.C.) fala de *MCCCC gradii*, que coincide com as proporções confirmadas por Procópio de Gaza (440 d.C.). A diferença de medidas das escadas é explicada pelo fato de que, no itinerário de Burdeos, os degraus foram agrupados de cinco em cinco (BULL, 1993, p. 408 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 124).

No século XIX, Louis Félicien de Saulcy, estudioso francês da Palestina, também descreveu as ruínas existentes no Monte Gerizim. Em fevereiro de 1851, ele fez uma viagem à Palestina e, em dezembro de 1863, descobriu uma parte da escadaria que liga o templo de Zeus, em Tell Er-Ras, com a parte baixa da cidade. As informações de Félicien de Saulcy serviriam mais tarde para as interpretações de Ben-Zvi, Reifenberg e Magen (MAGEN, 1993c, p. 488; 489 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 124-125).

O templo de Zeus

O templo de Zeus é um templo tetrástilo, com sua entrada orientada para o Norte. Se encontra em uma colina artificial, na parte norte do cume do Monte Gerizim. Abusood, valendo-se dos relatos de escavação de Bull e Magen, nos informa que o templo de Zeus media 120 por 80 metros, e tinha uma altura de aproximadamente 10 metros. O edifício se divide em duas partes: uma exterior (64 por 44,21 metros) e outra interior (21,48 metros por 14,16 metros). É constituído de um *prónaos* de 8,24

por 3,3 metros e um náos de 10,12 por 8, 24 metros (BULL, 1978, p. 117; MAGEN, 1993e, p. 126; MAGEN, 1990, p. 93; BULL, 1965, p. 236 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 127).

Em um mosaico de *Umm Al-Rasas*, Jordânia (datado aproximadamente de 785 d.C.), aparece uma fachada de um edifício (Figura 2). Segundo acredita Michele Piccirillo (1993, p. 297), a imagem ali representada é a do templo de Zeus de que falamos, isto é, o mesmo templo que aparece nas moedas de Neapolis durante o período de Antonino Pio.

Figura 2 - Templo de Zeus representado no mosaico de *Umm Al-Rasas*.
Acima escrito Neapolis em grego



Fonte: Piccirillo (1993, fig. XXXVII).

Loay Abusood (2007, p. 127), por sua vez, acredita tratar-se provavelmente da igreja de Santa Maria *Theotokos* ou da basílica que aparece no mapa de Madaba. O argumento de Abusood se pauta principalmente no fato de o mosaico de *Umm Al-Rasas* ter sido encontrado dentro de uma igreja. Segundo o autor, isso pode sugerir que os edifícios que ali aparecem possam fazer parte do universo cristão e não da religião grega ou romana.

Não com período r encontrav culturais tempo to

Ou com as fc autores, Adriano (p. 71; CI SHNIEDI 47; MERI *apud* ABU

No escavar a teria sido ter aparec de Anton hipótese

Ent Gerizim u dedicado caráter si com a cr enorme e montanha: conduzia elemento: com rique 2007, p. 1

Não compactuamos com este olhar, pois, no Mundo Antigo, mesmo no período romano tardio ou início do bizantino, as esferas da sociedade encontravam-se ainda deveras imbricadas, e, nesse sentido, elementos culturais podiam possuir recepções múltiplas e eram ressignificados o tempo todo.

Outra questão que se apresenta é que os arqueólogos não concordam com as fontes literárias quanto à cronologia do templo. Segundo alguns autores, a construção do templo transcorreu durante o período de Adriano (PHOTIUS, *Bibliothèque*, 242, 141d; RENÉ HENRY; BULL, 1968, p. 71; CLERMONT-GANNEAU, 1896, p. 320; HILL, 1914, p. XXVIII; SHNIEDER, 1951, p. 214; ABU 'L-FATH, 1985, p. 159; JAROS, 1977, p. 47; MERKELBACH; STAUBER, 2002, p. 334; FISCHER, 1988, p. 33-34 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 127).

No entanto, contrariando a maioria dos autores, Magen, após escavar a área do templo no Monte Gerizim, acredita que o monumento teria sido construído no período de Antonino Pio. O fato de o templo ter aparecido pela primeira vez nas moedas de Neapolis somente a partir de Antonino Pio fortalece a convicção de Magen na corroboração de sua hipótese (MAGEN, 1993b, p. 94 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 127).

Entendemos que Adriano mandou construir sobre o Monte Gerizim um grande templo no lugar em que havia um templo samaritano, dedicado à adoração de Zeus-Hypsistos (“Júpiter, o deus supremo”), de caráter sincrético, que combinou a crença oriental romano-helenística com a crença monoteísta dos samaritanos. Este templo possuía uma enorme estrutura, que incluía um portentoso altar sobre o outro pico da montanha, com um impressionante conjunto de escadarias em caracol que conduzia a ele, e que possuía um enorme portão cerimonial. Todos esses elementos arquiteturais, como podemos ver na figura abaixo, aparecem com riqueza de detalhes nas moedas de Antonino Pio em diante (PORTO, 2007, p. 165).

Figura 3 - Monte Gerizim e templo de Zeus, representado nas moedas de Antonino Pio (138-161 d.C.), Caracala (198-217 d.C.), Macrinus (217-218 d.C.), Volusiano (251-253 d.C.), Trebunianus Gallus (251-253 d.C.)



Fonte: Porto (2007, p. 165).

Estas cinco moedas, emitidas por diversos imperadores a partir de Antonino Pio, mostram o templo de Zeus e o Monte Gerizim representados de acordo com as descrições das fontes textuais. As duas moedas, apresentadas na parte inferior, mostram um conjunto de elementos que se inserem nessa reflexão. A moeda da esquerda mostra Zeus-Amom, um estandarte legionário (*vexillum*), uma espiga de trigo e um carneiro. A moeda da direita mostra dois abrigos para pombas com pombas dentro e a representação da loba amamentando Rômulo e Remo.

Visto individualmente, o *vexillum* simboliza a presença da *legio III Cirenaica* estacionada na cidade, a espiga de trigo deve simbolizar a fertilidade do solo regado pelas fontes da cidade, o carneiro deve simbolizar o animal sacrificial dos samaritanos, e a loba amamentando Rômulo e Remo é uma alusão clara à fundação mítica da cidade por Roma.

I
templo
se dad
M
este e r
da Síri
exempl
de Phil
161-16
exempl
Adriane
p. 29 a
Diana e
d.C.), e
no perí
242; TI

Monte

A
Gerizim
que viv
Luzah
samari
sobem
festivai
a atual
Esta sa
a peric
consag
todos c
A
e alcan

ESPAÇOS

De todo modo, queremos crer na hipótese de que a construção do templo teve seu início durante o governo de Adriano e sua conclusão teria se dado no final do período de Antonino Pio.

Muitos templos foram edificadas sob os Antoninos. Pode-se dizer, sob este e muitos outros pontos de vista, que esta foi a época mais florescente da Síria e da Palestina antigas. O Oriente Próximo conta com muitos exemplos. Um deles é a construção do templo de Hércules, na cidadela de Philadelphia (Amã), que se pode datar por uma inscrição entre os anos 161-166 d.C. (BIKAI, 1994, p. 1 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 128). Outro exemplo é o santuário de Zeus, em Hoessn Soleiman (Síria), iniciado por Adriano e concluído à época dos severos (BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, 1997, p. 29 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 128). De mesma época são os templos de Diana e Zeus, em Gerasa. O de Diana, da época de Antonino Pio (138-161 d.C.), e o de Zeus, do ano 163 d.C. O de Citópolis (Besan) foi construído no período de Marco Aurelio (AL-ABEDI, 1957, p. 42; KALAYAN, 1982, p. 242; TROZI, 1993, p. 227 *apud* ABUSOOD, 2007, p. 128).

Monte Gerizim, um lugar sagrado

Anne Katrine de Hemmer Gudme (2011) nos informa que o Monte Gerizim é um lugar sagrado para as atuais comunidades samaritanas que vivem principalmente em Holon e Luzah, em Israel e na Palestina. Luzah é a aldeia samaritana moderna no monte Gerizim, para onde os samaritanos de Nablus se mudaram nos últimos 15 anos. Os samaritanos sobem a montanha três vezes por ano, em uma peregrinação durante os festivais de *Pessach*, *Shavuot* e *Sucot*. De acordo com Gudme (2011, p. 67), a atual comunidade samaritana é constituída por cerca de 750 pessoas. Esta sacralidade, que envolve o Monte Gerizim até os dias atuais, remonta a períodos muito recuados da história da região, demonstrando que a consagração deste local como lugar sagrado foi sendo transmitida por todos os povos, que de alguma forma tiveram contanto com o monte.

A montanha consiste de três picos: *Jebel et-Tur*, que é o cume principal e alcança 886 metros acima do nível do mar; *Tell er-Ras*, ao norte (831

metros) e ao oeste; e uma colina larga e plana (807 metros). A maioria dos achados arqueológicos estão concentrados no cume principal, *Jebel et-Tur. Tell er-Ras*, que fora escavado por Robert Bull, em 1964, 1966 e 1968, abriga os restos do templo dedicado a Zeus. As escavações mostraram que o templo possuiu duas fases de construção (GUDME, 2011, p. 67). Mais adiante, discutiremos mais atentamente essas duas etapas construtivas do templo dedicado a Zeus erigido no Monte Gerizim.

Durante o primeiro período persa, samaritanos religiosos e líderes seculares preferiram viver na capital, Samaria, até que Alexandre, o Grande, a destruiu. Com sua destruição e a transformação de Schechem (*Tell Balâtah*) em uma fortaleza Macedônica, os samaritanos começaram a se estabelecer em volta do templo, que, juntamente com o entorno, tinha sido construído mais de um século antes. No início, os sacerdotes e outros líderes religiosos ali se estabeleceram; gradualmente uma grande cidade cresceu ao redor do templo. É provável que aqueles que serviam no recinto sagrado se estabeleceram naquele local no final do período persa, e que a cidade circundante começou a se desenvolver apenas durante o período Ptolemaico, mais de um século após a construção do templo e do recinto sagrado (GUDME, 2011, p. 70).

Segundo Barbara Burrell (2004, p. 160), o Monte Gerizim era sagrado para os samaritanos mesmo antes de a cidade ter sido fundada.

Shechem era o nome da cidade aos pés da Montanha, em 332 a.C., quando, de acordo com Flávio Josefo (*Ant. Jud.*, XI, 325; 340-347), Alexandre, o Grande, permitiu que Sambalate, governador da Samaria, e seus seguidores samaritanos construíssem um templo no topo do Monte Gerizim. O intuito da construção deste templo era rivalizar com o Templo de Jerusalém.

Burrell (2004, p. 160), fazendo referência ao Livro dos Macabeus, nos recorda que tropas samaritanas teriam se unido, em 166 a.C., ao exército selêucida para combater os judeus durante a revolta dos Macabeus.³ No

³ Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.) lançou uma campanha de helenização forçada das populações do seu reino. A decisão de, em 168 a.C., consagrar o Templo de Jerusalém a Zeus obteve a aprovação de alguns judeus, gerando a revolta de outros liderados pelos Macabeus.

domí
o ten
Heller

Shech
em te
de 12
Jerus

fizera
Guer
qual
oeste

Mont
em 7
dedic
com
infor
quan
infor
fases
ficav
supô
XI, 3
Saml
dura

sinai
send
data
no i
temp
luga

ESPAÇ

domínio da religião, os samaritanos teriam também aceitado transformar o templo do monte Gerizim num templo helenístico dedicado a *Zeus Hellenios* ou em uma variante *Zeus Xenios* (hospitaleiro).

Quando o sumo-sacerdote, João Hircano, invadiu e capturou Shechem (não nos esqueçamos que Shechem era o nome de Neapolis em tempos anteriores à dominação romana) e o Monte Gerizim, depois de 129 a.C., ele destruiu o templo que tinha ousado imitar o templo de Jerusalém (Flav. Jos., *Ant. Jud.*, XIII, 254-256).

Apesar da destruição de seu templo, os samaritanos rebelados fizeram do Monte Gerizim seu refúgio e fortaleza durante a Primeira Guerra dos Judeus contra os romanos. Esta talvez tenha sido a razão pela qual Vespasiano fundou a cidade *Flavia Neapolis* sobre o modelo grego à oeste da velha Shechem.

Duas conclusões importantes sobre a história das religiões no Monte Gerizim podem ser extraídas das escavações de Yitzhak Magen em *Tell er-Ras* e no cume principal da montanha: primeiro, o santuário dedicado a Zeus, descoberto por Bull, em *Tell er-Ras*, fora interpretado como sendo os restos do templo samaritano no Monte Gerizim. Essa informação era confirmada tanto pelas primeiras escavações de Magen quanto pelas escavações de outros arqueólogos na área. Partindo das informações dessas escavações, a construção do templo consistiu de duas fases: o Edifício A, que Bull datou do século II d.C., e o Edifício B, que ficava abaixo do Edifício A e que foi datado por Bull do século IV a.C.. Bull supôs que o edifício B era o templo que, de acordo com Josefo (*Ant. Jud.*, XI, 302; XIII, 255; *De bello iudaico*, 1, 62), fora construído em Gerizim por Sambalate, o governador da Samaria que mencionamos anteriormente durante o reinado de Alexandre, o Grande (GUDME, 2011, p. 71).

Acontece que Magen reescavou *Tell er-Ras* e concluiu que não há sinais ali de atividade de construção no local antes do III e II séculos a.C., sendo que o edifício B era parte de um templo em estilo romano que data do século II da era comum, que teve uma fase posterior acrescida no início do século III d.C. (Edifício A). Assim, a teoria de Bull de um templo samaritano em *Tell er-Ras* foi refutada por Magen. Em segundo lugar, a datação da primeira fase de construção do santuário na cimeira

principal no Monte Gerizim situa-se, na verdade, no V século a.C., e isso rejeita definitivamente uma datação da fundação do templo samaritano para o reinado de Alexandre, o Grande, de acordo com o relato de Josefo nas passagens mencionadas acima. Concluímos que essa informação não excluiu que a primeira fase de construção do templo seja samaritana, mas que não corresponde ao do período relatado por Josefo e que, por conseguinte, acabou por sugerir as conjecturas de Bull.

Pluralismo religioso no Monte Gerizim

É importante examinar a identidade dos adoradores de Yahweh no Monte Gerizim durante os períodos persa e helenístico (GUDME, 2011, p. p. 71-72), assim como o multiculturalismo e os diferentes matizes religiosos que moldaram a vida religiosa que envolve este local.

Lester Grabbe (1992) define as duas posições sobre as origens samaritanas na tradição literária como polêmicas e apologética, respectivamente. A polêmica é que os samaritanos que se fixaram entre os montes Gerizim e Ebal viriam de politeístas estrangeiros trazidos para substituir a população deportada de Samaria. Eles teriam desenvolvido uma forma sincrética de adoração de Yahweh, mas sua religião e tradições seriam derivadas dos judeus. A emissão local das moedas de Neapolis, iniciada à época de Domiciano, em 81 d.C., apresenta símbolos que são exclusivamente judaico-samaritanos, e não há um único exemplar com símbolos não-judaicos. Entre estes símbolos, encontramos grinaldas de palmas, palmeira, espigas de trigo e folhas de parreira. O uso desses símbolos na cidade reflete, sem dúvida, a influência da comunidade samaritana na região e seus laços com a cultura judaica.

A leitura apologética é que os samaritanos seriam descendentes de Israel, que permaneceram fiéis à sua fé e ao templo de Deus, em Gerizim, e não seguiram o sacerdócio de Eli e seus descendentes em Jerusalém (GUDME, 2011, p. 72).

Pensando nesta questão, uma das pistas mais importantes para a autodesignação dos adoradores, em Gerizim, não vem de Samaria, mas

da ilha c
de prosp
estrangei
referiu a
santuário
de Yahwe
conexão

Ac
temos, j
compart
yawesist
de onde
Gerizim
heleníst
Yaweh, c

A
em um
Zeus O
helênic
se ident
de Zeu
Monte C
Macabe
Também
referiu
Hypsist
bastant
que cor

A
Antoni

⁴ Ver em
de Zeus
presente

da ilha de Delos, no arquipélago grego: Delos experimentou uma onda de prosperidade entre os séculos III e I a.C., e isso levou vários grupos estrangeiros a instalarem-se na ilha. Entre estes estava um grupo que se referiu a si mesmo como “os israelitas em Delos que fazem a contribuição ao santuário Gerizim”. Esta comunidade (de Delos) é um grupo de adoradores de Yahweh, que se autodenominam “israelitas” e que se identificam por sua conexão com o templo no Monte Gerizim (GUDME, 2011, p. 80).

Ao invés de um lugar de culto samaritano e inscrições samaritanas temos, portanto, um santuário usado por samaritanos yawesistas que compartilhavam várias tradições culturais e textuais com os judeus yawesistas, que adoravam no Templo de Jerusalém. Independentemente de onde eles vieram e de quando, os adoradores de Yahweh do Monte Gerizim não deixaram restos materiais que datam dos períodos persa e helenístico que comprove sua separação significativa dos adoradores de Yaweh, em Jerusalém (GUDME, 2011, p. 81).

A partir de uma inscrição num fragmento de coluna calcária e em um *ex-voto* de bronze, pode-se inferir que o templo era dedicado a Zeus *Olympios*, um aspecto do deus especialmente popular no mundo helênico no tempo de Adriano, e um dos quais o imperador, ele próprio, se identificava depois de 128 d.C. O nome recai sobre outros epônimos de Zeus, provavelmente associados ao templo na parte mais alta do Monte Gerizim, como segue: *Hellenios*, de acordo com Josefo; e *Xenios* em Macabeus (provavelmente traduzido para *Jupiter Peregrinus*, por Eusébio). Também um neoplatonista de Neapolis do século V da era cristã, Marino, referiu o templo como dedicado a Zeus *Hypsistos* (“Zeus supremo”). *Hypsistos* é um epíteto para yahweh na *Septuaginta*.⁴ Este é um exemplo bastante vivaz da imbricação cultural e religiosa entre os diversos povos que conviviam às margens do Mediterrâneo no Mundo Antigo.

A presença do templo no cume do Monte Gerizim, nas moedas de Antonino Pio, pode sugerir, segundo Barbara Burrell (2004, p. 160-161),

⁴ Ver em *Gênesis* 14, 18 e *Deuteronômio* 32, 8. Impressionante notar como os epítetos de Zeus e Yaweh revelam a assimilação cultural e religiosa, o sincretismo mesmo presente na religião vivenciada no Monte Gerizim.

que o templo tenha sido dedicado ao imperador Adriano, do mesmo modo que era dedicado a Zeus *Olympios*. De acordo com a autora, tal hipótese não se pode comprovar, pois não fora encontrada nenhuma inscrição em Neapolis que indique que a cidade se tratava de uma *neokoros*.⁵

Considerações finais

A construção do templo de Zeus-Hypsistos (podemos chamar de Zeus-Yaweh-Júpiter, o “deus supremo?”), por Adriano-Antonino Pio no local em que existia um templo samaritano, relaciona-se, diretamente, com a já preexistente energia religiosa – se assim podemos chamar – do Monte Gerizim. A ereção deste monumento acentuou a interação cultural e religiosa dos habitantes da cidade com os romanos.

A construção do templo dedicado a Zeus pode ser vista como arbitrária pela ótica do monoteísmo samaritano fiel a Yaweh, mas pode ser vista como não sendo tão arbitrária se observada através do viés da aceitação pelos samaritanos em transformar o templo do Monte Gerizim num templo helenístico dedicado a Zeus *Hellenios*, pois tinham ligações profundas com a Hélade, seja por intermédio dos samaritanos que habitavam as ilhas gregas – principalmente Delos, como vimos –, seja por meio dos gregos que vieram depois de Alexandre, o Grande, seja a partir do modo de vida helênico na região, que moldou de muitas maneiras os costumes dos samaritanos yawesistas que ali viviam.

Não poderia ser mais estratégica a decisão de Roma de erigir um templo dedicado a Zeus no Monte Gerizim. Adriano, Antonino Pio, assim como seus continuadores inseridos nos jogos de assimilação das populações locais, alimentavam um culto sincrético que combinava a crença oriental romano-helenística com a crença monoteísta dos samaritanos. A representação desses elementos nas moedas produzidas pela cidade de Neapolis, vista em conjunto, é a mais contundente expressão da interação cultural e religiosa que ali ocorreu depois da ocupação romana da cidade.

⁵ Cidades do Império que possuíam um templo provincial para o culto do imperador romano.

possib
antigo
cume
enten

Refer

Fonte

FLAV
Jerusa

FLAV
Londi

FLAV
Buen

Font

HILL
of the
Brits

MESI
Jerus

PICC
Orier

Obra

ABU:
del u

ESPAÇ

As moedas de Neapolis, com suas representações e inscrições, possibilitam não somente reconstruir a história da cidade e observar o antigo cenário religioso do Monte Gerizim, com suas construções no cume da montanha, mas também nos permitem alcançar um melhor entendimento acerca de seus cultos locais.

Referências

Fontes textuais

FLAVIO JOSEFO. *Guerra de los Judios y destrucción del templo y ciudad de Jerusalén*. Barcelona: Iberia, 1948.

FLAVIO JOSEFO. *Jewish antiquities*. Translated by Willian H. S. Jones. Londres: Heinemann, 1950.

FLAVIO JOSEFO. *Obras completas*. Introdução e tradução de Luis Farré. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1961.

Fontes numismáticas e iconográficas

HILL, G. F. *A catalogue of the Greek coins in the British Museum: catalogue of the Greek coins of Palestine (Galilee, Samaria, and Judaea)*. Londres: British Museum, 1914.

MESHORER, Y. *City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the roman period*. Jerusalem: Israel Museum, 1985.

PICCIRILLO, M. *The mosaics of Jordan*. Amman: American Center of Oriental research, 1993.

Obras de apoio

ABUSOOD, L. Flavia Neapolis Samariae (Nablús, Palestina). Estudio arqueológico del urbanismo y arquitectura de época romana. *Saldvie*, n. 7, p. 121-141, 2007.

- BURRELL, B. *Neokoroi: Greek cities and Roman emperors*. Leiden: Brill, 2004.
- DAUPHIN, C. M. A roman mosaic pavement from Nablus. *Israel Exploration Journal*, n. 29, p. 11-33, 1979.
- GRABBE, L. L. *Judaism from Cyrus to Hadrian*. Minneapolis: Fortress Press, 1992. v. II.
- GUDME, A. K. de H. *Before the God in this place for good remembrance an analysis of the votive inscriptions from Mount Gerizim*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Department of Biblical Studies Faculty of Theology, University of Copenhagen/Københavns Universitet, Copenhagen, 2011.
- HJELM, I. Mt. Gerizim and Samaritans in recent research. In: MOR, M.; REITERER, F. V. (Ed.). *Samaritans: past and present*. Viena: Society of Biblical Literature, 2007, p. 25-44.
- PORTO, V. C. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana*. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. *JRA*, n. 23, p. 143-163, 1997.
- WILLIAMS, M. H. Jews and Jewish communities in the Roman Empire. In: HUSKINSON, J. (Ed.). *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire*. London: Routledge, 2000, p. 305-334.